

A dimensão digital de Solonópole, Brasil

Marcelo Tramontano, Nilton Trevisan.

Núcleo de Estudos sobre Habitação e Modos de Vida, Depto. de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, Brasil.

tramont@sc.usp.br, ntrevisa@ig.com.br; www.eesc.usp.br/nomads.

In the countryside of Ceara state, one of the poorest of Brazil, stays the city of Solonopole. Despite the lack of resources, some applications of information and communication technologies are being employed in daily life, by low income population. Almost all of local schools have computers and also free access to the internet, and so do citizens from their houses but also from a telecentro. This is only possible thanks to the use of free software, as Linux, and radio waves connection.

Solonopole, information and communication technologies, internet, low-income population, telecenter.

Antecedentes

Em meio à paisagem árida do interior de um dos estados mais pobres do Brasil, a cidade de Solonópole abriga pouco mais de nove mil almas, dezessete mil se contada também a população rural do município. Os recursos são escassos, como em toda a chamada Zona da Seca, a falta de água e de eletricidade são relativamente comuns. As limitadas oportunidades de inserção no mercado de trabalho local e regional, sem indústria alguma e com comércio reduzido a itens básicos, estimulam muitos a partir, esperando realizar, em cidades nordestinas maiores ou nas regiões do sul do país, seus planos de estudo e de trabalho.

Contudo, a cidade tem se destacado por implementar as tecnologias de informação e comunicação na vida cotidiana, e, em especial, nas populações de baixa renda. Quase todas as suas escolas possuem computadores e têm acesso à internet, e os cidadãos [que têm condições comprar um computador com modem] podem, de suas casas, gratuitamente, acessar a rede, sendo inclusive possível em uma praça pública checar seus e-mails em um telecentro chamado Ilha Digital. Isto é possível através do uso de software livre, como Linux, e conexão via rádio, o que diminui significativamente o custo final. Além disso, a transparência da atual administração de Solonopole [2001 a 2004] pode ser comprovada no site da prefeitura, que disponibiliza diariamente a prestação de contas do município. [www.solonopole.gov.ce.br].

Desenvolvimento

A rede de comunicação via internet do município começou a ser implantada em março de 2001, utilizando-se de um sistema de transmissão por ondas de rádio [ainda que uma pequena parte das transmissões seja feita via cabo]. São doze antenas a serem instaladas em lugares estratégicos da cidade e dos distritos rurais, das quais somente uma antena foi instalada. Ela estabelece conexão, por um lado, com uma torre da operadora de telefonia e, por outro, com o provedor *wireless* da Prefeitura, ao qual, por sua vez, conectam-se as pequenas antenas dos usuários finais. Dessa maneira, toda a cidade está sendo incluída no sistema: os serviços públicos, como hospital, centros de saúde e escolas, a administração pública em todas as suas instâncias, uma centena de estabelecimentos comerciais, e ainda uma porção crescente de domicílios particulares. Todos os órgãos do município, além de interligados, estão sendo informatizados com programas apropriados às suas atividades. As escolas deverão ganhar laboratórios de informática com acesso à internet, os hospitais terão acesso a um banco de dados com o prontuário de todos os pacientes, etc.

Todas as conexões são gratuitas. Além disso, um primeiro telecentro foi instalado na praça principal com cinco computadores, onde um monitor de informática é responsável por auxiliar a navegação na

internet e o uso de alguns programas básicos. Todo o sistema é operado em plataforma Linux, atendendo uma lei municipal que obriga o poder público local a empregar exclusivamente *software* livre. Há também a previsão da instalação de totens digitais pela cidade. Segundo Tramontano, [2003]. “As transformações geradas pela introdução das tecnologias de informação e comunicação no cotidiano da população são várias. O comércio local tem conseguido melhorar seu leque de ofertas, graças ao contato com novos fornecedores, e a comunicações mais rápidas e confiáveis. (...) Também a obtenção de certidões e documentos públicos diversos pode agora ser feita através da rede. A quantidade e a qualidade das informações obtidas pelos estudantes em seus trabalhos escolares elevou-se bastante, ultrapassando em muito as insuficientes e desatualizadas fontes bibliográficas disponíveis na cidade até então. Aliás, não raros são os adultos que aprenderam a ler e a escrever estimulados pelo uso dos computadores e o acesso à internet, repetindo uma situação verificada em outros programas do gênero, mundo afora.”

No que concerne as relações interpessoais, apesar da escassez de dados precisos, algumas tendências parecem delinear-se com clareza. Quando o acesso é feito a partir do telecentro, a presença física dos usuários tem estimulado o estreitamento de laços entre aqueles que ali se encontram. O telecentro se tornou um referencial no espaço concreto do centro da cidade. No caso do acesso à rede a partir de casa ou de estabelecimentos comerciais, uma curiosa e inovadora expressão de vida comunitária tem ganho espaço. É que, devido ao custo relativamente alto da antena parabólica domiciliar, muitos têm se unido, dividindo os gastos de implantação e o uso da conexão, construindo, às vezes, um pequeno cômodo onde computadores podem ser utilizados por seus quatro ou cinco proprietários: uma espécie de pequeno telecentro particular, custeado com aporte financeiro dos usuários. Esse sistema tem funcionado tanto para casas quanto para comércios.

Segundo informações de observadores locais, a inserção da mídia alterou a qualidade dos relacionamentos. Isso porque, apesar de se poder dizer que, dado o pequeno número de habitantes e os costumes locais, em geral todos se conhecem, em muitos casos, o laço social não ultrapassava o estágio do conhecimento distante. Com as novas possibilidades de contato, tanto via *web* quanto fisicamente [no telecentro e junto às antenas compartilhadas], uma observação a olho nu faz crer que os laços têm se estreitado. O mesmo ocorre com aqueles que deixaram Solonópole para tentar a sorte em outro lugar.

Entre os habitantes da cidade há também aqueles que ainda oferecem certa resistência ao novo, mas reconhecem a importância da internet. Como Marcos Rabelo, comerciante na cidade, que afirma: “Essa internet que vocês chamam não é que nem perfume, que nem sabonete. Não é supérfluo: é necessário. Eu sei que é necessário. Meus filhos, que usam, quando tomarem conta do meu negócio, vão estar muito à frente de mim.” [Sá Filho, 2003].

O *site* oficial da cidade tem uma seção chamada Filhos Ausentes, para onde se pode enviar um *e-mail* solicitando fotos de qualquer lugar ou pessoa da cidade. Pedidos chegam de diversas partes do Brasil. As fotos são disponibilizadas, *online*, nessa seção do *site*, juntamente com a mensagem do solicitante. Na falta de uma interface colaborativa, ou mesmo de uma lista de discussões, por exemplo, a seção Filhos Ausentes cumpre um papel de espaço de diálogo, de comunicação entre as pessoas que, distantes de Solonópole, enviam alguma notícia pessoal, ou eventualmente a expressão de seus sentimentos com relação à cidade e seus habitantes. Mais recentemente, uma sala de bate-papo foi aberta no *site*, ampliando as possibilidades de comunicação mediatizada entre os habitantes, contudo ainda é um serviço muito pouco utilizado, pois as pessoas preferem salas de bate-papo de outros provedores. Outra iniciativa interessante de interligação de mídias é a utilização de uma rádio comunitária, cuja página pode ser acessada pelo portal da cidade. É comum, principalmente para as classes populares, contatar parentes e amigos moradores da cidade, que não tem acesso à rede, pela rádio. As pessoas também podem enviar *e-mails* para a rádio que são lidos ao vivo pelo locutor.

Conclusões

Em Solonopole, a comunicação em rede parece responder a “necessidades não atendidas” na vida dos moradores [Hampton e Wellman, 2000], seja em relação à obtenção notícias de parentes distantes, seja para ajuda mútua, seja para enfrentamento de problemas que afetam a comunidade, seja, ainda, para refletir sobre possíveis alterações do espaço arquitetônico e urbano.

Percebe-se, também, que o telecentro e seus equivalentes cumprem um papel importante de catalisador e estimulador de certos níveis de relações interpessoais, de uma nova sociabilidade proporcionada pela presença física dos usuários. Isso nos leva a crer que, em comunidades com acesso à rede a partir dos domicílios, o uso e o formato de telecentros deveria ser mantido mas revisto, provavelmente privilegiando atividades coletivas auxiliadas por computador. No entanto, observou-se em outras experiências como as supervisionadas por Hampton e Wellman, [2000] no Canadá, onde foram oferecidas estruturas para consolidação da comunidade no ambiente virtual, relatos sobre a criação de laços sociais, às vezes estreitos, entre usuários e grupos domésticos que só puderam conhecer opiniões e posturas de outros habitantes do bairro graças à comunicação em rede.

A experiência de Solonopole ainda apresenta problemas, alguns mais simples de resolver, outros mais complexos. Podem-se destacar alguns como: omissão do poder público em atender certas demandas [como permitir acesso] por pertencerem a uma orientação política diferente; atrasos para cumprir cronogramas e promessas [como a instalação de todas as antenas e totens] devido a causas diversas – inclusive a falta de recursos; não existir estímulos à produção de *websites* pessoais locais; o pequeno espaço de tempo [30 minutos por semana] que cada usuário dispõe na Ilha Digital, por falta de mais computadores para atender à demanda.

Recentemente, surgiu na cidade uma página *web* de oposição [www.solonopole.freesites.com.br] ao portal oficial da prefeitura que critica supostos erros da administração e os disponibiliza *on line* para os visitantes. O prefeito proibiu o acesso a este *site* através do servidor da prefeitura. Tudo isso só vem demonstrar a importância das tecnologias de informação para o pleno exercício da cidadania.

Entretanto as conquistas atuais são grandes, e estes problemas fazem parte do processo democrático. Elas abrem perspectivas para projetos semelhantes no Brasil e qualquer outro país interessado em promover a inclusão digital para seus habitantes.

Para viabilizar o projeto, três parceiros foram fundamentais: o poder público municipal, que mostrou vontade política e estruturou a rede logística, de serviços e de divulgação, a Telemar, responsável pelo subsídio do *link* e pela rede de antenas distribuidoras, e o Grupo Brasil, que tem como sócio o prefeito municipal Francisco Odorino Filho, representado pelas empresas RC Info e BR Connection, doadores da instalação e suporte de *software* e sistemas. Há portanto um grande investimento político e financeiro por parte do prefeito.

Ainda estamos muito longe de dominar as vantagens e desvantagens de implantações como essas. Além de pouco numerosas, suas freqüentes e compreensíveis diferenças de estruturação, métodos, objetivos, contextos sócio-econômico-culturais dificultam comparações que, de outra forma, poderiam ajudar a balizar futuras operações similares. Entendemos que a decisão para a implantação desses sistemas é, em geral, política, mas também percebemos que ela tem se viabilizado através de apoios derivados de interesses econômicos. Ao que tudo indica, as parcerias são inevitáveis entre comunidade, poder público e iniciativa privada, e suas equipes técnicas precisam ser capazes de um entendimento e de uma ação baseados na transdisciplinaridade, incluindo as Ciências da Computação, a Sociologia, a Arquitetura, o Urbanismo, e a Psicologia, pelo menos.

O que se tem como certeza, no entanto, é que, embutida no esforço maior de inclusão de parcelas cada vez mais extensas da população no que se costuma chamar de sociedade da informação, está a possibilidade de amplificar o volume de suas vozes distantes, isoladas por distâncias sociais às vezes imensas, trazendo-as para a cena principal da ação cidadã. Dessa forma, torna-se possível auxiliar

comunidades a se organizarem para o enfrentamento de problemas em comum, e também para descobrir novos níveis de sociabilidade, encobertos, talvez, no dia-a-dia do mundo concreto.

Referências

Sá Filho, C. A. C.: 2003, O ciberespaço e a cidade: Um olhar sobre a experiência brasileira de Solonópole – CE, Monografia, Universidade de São Paulo, São Paulo. [Mimeo]

Hampton, K., Wellman, B.: 2000, Examining community in the digital neighborhood: early results from Canada's wired suburb. In: Ishida, T., Isbiter, K. (eds.) Digital cities: technologies, experiences and future perspectives, Springer-Verlag, Heidelberg, p. 206.

Tramontano, M.: 2003, Vozes Distantes – organização e sociabilidade em comunidades informatizadas. In: Silveira, S. A. (org.) Software livre e inclusão digital, Conrad, São Paulo.